

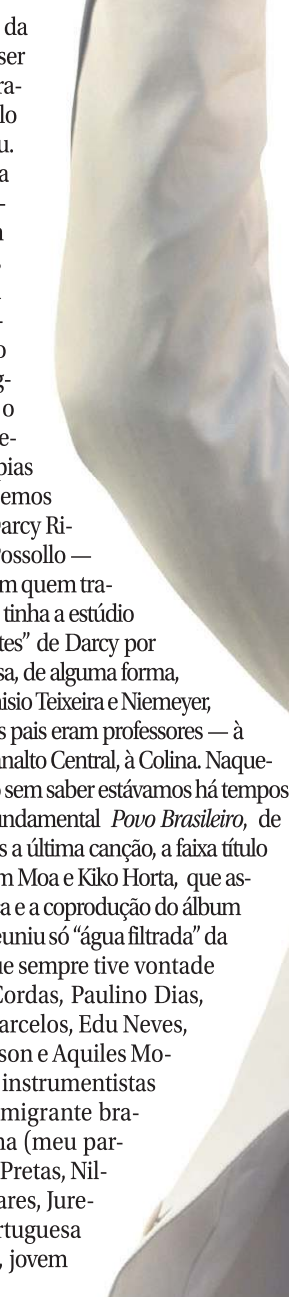
Diversão & Arte

» SEVERINO FRANCISCO

Sem premeditação, a casa do compositor Pierre Aderne na Rua das Pretas, em Lisboa, se tornou um ponto de encontro de músicos brasileiros, portugueses e africanos. Por lá, aparecem para animados saraus com as participações de Antônio Zambujo, Tito Paris, Sara Tavares, Jorge Palma, Paulo Flores, Maria João, Cúca Roseta, Gisela João. Sem contar as visitas de Caetano Veloso, Gilberto Gil, Lenine, Diogo Nogueira e Círculo Cêsic, entre outros. Daí, surgiu o Coletivo da Rua das Pretas, fundado há 15 anos em Lisboa, sob a inspiração dos encontros musicais da Rua Nascimento e Silva, onde morou Tom Jobim. Essa conexão afro-brasileira é a matriz do álbum *O povo brasileiro*, a partir de convite do prefeito de Maricá (RJ), Washington Quaquá, para que gravassem o disco na Casa Darcy Ribeiro. Com um repertório formado principalmente pelas parcerias com Moacir Luz, Pierre juntou um time de músicos de primeira linha e gravou o álbum *O povo brasileiro*, lançado com show no L'Ermitage, em Paris, e no Festival Remeixe Rio. O álbum congrega músicos brasileiros, portugueses e de Cabo Verde, numa fusão de samba carioca, fado português morna de Cabo Verde, ijexás e afoxés. O show deve ser apresentado, no segundo semestre, no Clube do Choro.

Filho da arte-educadora Laís Aderne, nascido em Tolouse, na França, criado entre Rio de Janeiro e Brasília, Pierre mora em Lisboa desde 2011, onde promove interação com artistas portugueses e africanos. Nesta entrevista ao **Correio**, Pierre fala sobre a estada em Portugal, a movimentação na Rua das Pretas e a conexão afro-lusobrasileira que promove no álbum *O povo brasileiro*.

Como é a história do álbum *Rua das Pretas*? De que maneira *O povo brasileiro*, de Darcy Ribeiro, entrou no projeto?

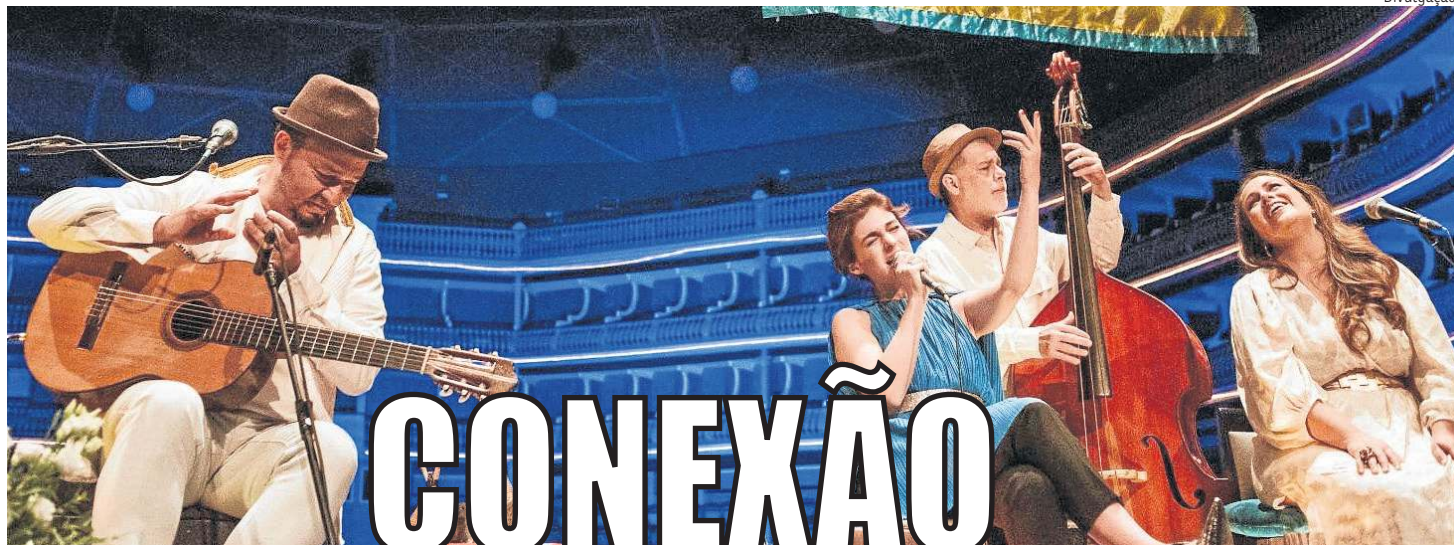


O álbum *Povo brasileiro* da Rua Das Pretas começou a ser construído por canções que traziam na narrativa tudo aquilo que o Atlântico uniu e esmagou. Grande parte delas em parceria com Moacyr Luz, outras compostas e escritas por mim sem instrumento, andando pelas sete colinas de uma Lisboa crioula e epicentro do colonialismo. Ao receber o convite do prefeito de Maricá, Washington Quaquá, para gravarmos o álbum lá, sugeri ao poeta e secretário da Cultura e das Utopias Sady Bianchini, que montássemos um estúdio dentro da Casa Darcy Ribeiro. Dias mais tarde, Leco Possollo — exímio engenheiro de som com quem trabalhei em início de carreira — tinha a estúdio pronto para sermos “roommates” de Darcy por duas semanas. Ao entrar na casa, de alguma forma, regresssei a Brasília de Darcy, Anísio Teixeira e Niemeyer, ao Ciem na UnB — onde meus pais eram professores — à minha primeira infância no Planalto Central, à Colina. Naquele instante, percebi que mesmo sem saber estávamos há tempos a escrever a trilha sonora do fundamental *Povo Brasileiro*, de Darcy. Já na casa, compusemos a última canção, a faixa título do álbum, essa em parceria com Moa e Kiko Horta, que assina os arranjos, direção artística e a coprodução do álbum comigo. A vestimenta sonora reuniu só “água filtrada” da música brasileira, músicos que sempre tive vontade de colaborar: Carlinhos 7 Cordas, Paulino Dias, Marcus Thadeu, Luisinho Barcelos, Edu Neves, Quininho Da Serrinha, Everson e Aquiles Moraes, Bruno Aguilar, além de instrumentistas brasileiros da comunidade migrante brasileira de Portugal e Espanha (meu parceiro há 10 anos na Rua Das Pretas, Nilsson Dourado), Letícia Malvares, Jurema De Candia, a fadista portuguesa Ana Margarida Prado e Zulu, jovem cantora de Cabo Verde.

Qual é a gênese desse trabalho?

A aproximação com a África lusófona e com o castiço povo português ou “árabes ibéricos”, como preferia Darcy. É estar perto dessa língua portuguesa contemporânea, tão brasileira e africana. A aproximação com Cabo Verde e São Tomé e Príncipe, primeiro entreposto de escravizados — onde estamos desenvolvendo na ilha do Príncipe um trabalho de investigação de nossas matrizes musicais. Países que de alguma são um espelho desse Brasil por também receber uma multiculturalidade africana que nos formou, que tem a língua portuguesa como casa comum. Uma espécie de “lavagem das caravelas”. Sem querer explicar, apenas viver em compassos o resultado deste encontro atlântico forçado, que acabou por resultar na rica música e cultura desse povo brasileiro. Parodiando Darcy, para fazer música em língua inglesa, bastou jogar dois acordes em quatro compassos. A música brasileira se construiu a si mesma.

O COMPOSITOR **PIERRE ADERNE** LANÇA O ÁLBUM **POVO BRASILEIRO**, BASEADO NA EXPERIÊNCIA DE PARCERIA ENTRE ARTISTAS BRASILEIROS, PORTUGUESES E AFRICANOS NA CASA DO COMPOSITOR EM LISBOA



Pierre Aderne e os músicos que participaram do show *Sarau da Rua das Pretas*

formador. Hoje, meus grandes amigos em Portugal são de Cabo Verde ou de Angola.

Em que medida essa experiência permitiu você redescobrir o Brasil em Portugal? Mergulhar nessa matriz musical africana me fez reconhecer os pilares de nossa música e me aproximar definitivamente da música originária brasileira e da língua portuguesa transformada pelo Atlântico. Como você se sente na condição de migrante brasileiro em Portugal?

Assumo como minha cada nova terra que piso, já dizia Dona Laís, minha mãe. Nunca me senti estrangeiro em Portugal. Mergulho na cultura alheia, sem jamais se aculturar. A questão da intolerância, da fobia a imigração em Portugal é fundamental — uma antiga ferramenta de manipulação política, um curral pré-moldado eleitoral da extrema direita ao transformar o imigrante em inimigo absoluto — deve e será certamente resolvida pela própria sociedade portuguesa, uma vez que Portugal assim como qualquer outro país do mundo não é sustentável sem o imigrante. Intuo não estar longe termos uma cidadã luso-brasileira ou africana na presidência da câmara de Lisboa. “Se eu falo português, minha terra é aqui”.

Em que medida essa experiência passa para as canções que você compõe?

Enxergar de longe a ilha, assimilar novos
sotaques, percorrer o itinerário Atlântico que
nos formou, ganhar novos batucos rítmicos e
conhecer pela primeira vez um povo português que
não emigrou é um grande impulso para um compositor
se reinventar, se inspirar e reafirmar sua ancestralidade.

Em meio a esse cenário conturbado de animosidade contra os migrantes brasileiros e africanos, embora sejam povos irmanados pela língua portuguesa, você acha que a cultura e a música podem ser elementos de confraternização na zona de conflito?

Depois da chegada da televisão e da internet, a arte é a mais forte arma política a serviço da comunidade. Só a arte pode curar a aculturação e ainda pedir o troco. Este projeto nasce de uma questão política. A música chega muitas vezes aonde a prosa não alcança.

Como foi a vista de Caetano e Gil na Rua das Pretas? Que outros artistas visitaram ou frequentam o espaço de resistência cultural?

Conheço Caetano desde a adolescência no Rio, na infância já o tinha conhecido em Santa Amaro da Purificação, pois minha mãe era amiga de seu irmão Rodrigo. Passava tardes no escritório de Guilherme Araújo, com Gil-da-Matossos, última companheira de Vinícius, que fazia sua assessoria, assim como de Gil e Tom. Márcia Alvarez, sua produtora,

ra, trabalhava comigo em início de carreira. Caetano sempre foi muito apaixonado e conhecedor da música portuguesa. Sempre que encontrava algo novo, interessante, na música portuguesa, enviava para ele ouvir, como foi o caso de Salvador Sobral. Vinha aos saraus de minha casa para ouvir jovens artistas portugueses. Gil esteve apenas uma vez, levado por Tilda, outros amigos brasileiros e africanos. Parceiros da minha geração também frequentavam: Lenine, Chico César, Paulinho Moska, Fernanda Abreu, Paula Morelenbaum, Edu Krieger, Pedro Luís, Diogo Nogueira, Mayra Andrade, Nancy Vieira, Titi, além de escritores como o parceiro José Eduardo Agualusa, Valter Hugo Méis, Elisa Lucinda, Mia Couto e também portugueses: Ana Moura, Carminho, Salvador Sobral e tantos outros. A minha casa na Rua das Pretas é um espaço de troca de segredos da língua geral.

**Pierre Aderne
estabeleceu o diálogo
entre músicos
brasileiros, portugueses
e africanos no Sarau da
Rua das Pretas**

Bruno Veiga